



O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

E' meu barco o meu theouro,
A Liberdade o meu Deos!
E'-me o pego unica patria
Lei a força, o vento, os céos!
ESPRONCEDA — *Imitação.*

Publica-se aos sabbados, na typographia GUANABARENSE de L. A. F. de Menezes, rua de S. José n. 45; onde subscreve-se a 1\$200 por trimestre; e vende-se avulso a 80 rs.

N. 2.

Sabbado 15 de Março.

1851.

O CORSARIO.

Acaba de publicar-se o n.º 3 do *Orsatista*. E'ra anciosamente desejado por nós, que o saudâmos como um bravo competidor, leal e cavalheiro, a quem não esquecem as formalidades da mais completa cortesia, e mostra nos seus ademans ser tão esforçado nos combates e nos torneios, como gentil com a dama a quem promete depôr aos pés o laurel das suas assignaladas victorias! Salve pois, o brioso campeão, que sabe, com tão nobres brios, apertar primeiro a mão do adversario ao sahir com elle a campo, para se baterem em ultimo trance, não em estacada fechada, mas em plaino aberto, á claridade do dia, e em presença de todos os seus irmãos d'armas, e na frente das alas dos seus adversarios. O seu aspecto não é carrancudo; não é tambem de entristecer corações. — Mas seus labios agitam-se por vezes com um certo sorriso ironico, que nos traduz mais o rancor contra nós movido pela violenta paixão do seu amor, do que a falta de sinceridade, que

qualquer outro podéra descobrir-lhe, para com aquelles com quem intenta batalhar.

Revivam pois os tempos da immortal cavallaria! Deixemos as guerras do Alecrim e da Mangerona, deixemos mesmo de parte o engenhoso fidalgo da Mancha, e voltemo-nos para esta cruzada santa, em prol da intelligencia, da belleza e do talento, como mais digna destes tempos, em que já não ha termo medio, nem mesmo nas parvoices e sensaborias do *Montanista*!

Estais enganado cavalleiro—não foi um *volver d'olhos* d'alguma castelhã formosa, ou por ventura o sorriso *angelico* d'alguma linda infante, a quem fizemos juras apaixonadas.

O CORSARIO talvez tenha no Oriente, entre as filhas do Propheta, alguma houri mysteriosa, e quebrada lhe está por esse modo a isenção para novos amores.

Póde, o collega visto a declaração que fazemos, julgar-nos inteiramente fôra d'essa influencia magnetica *d'olhares e sorrisos*, que nos não fascinaram a nós, rudes marinheiros, acostumados a levantar os olhos mais vezes para lermos nas estrellas o rumo do nosso barco, do que para os erguermos fitando as bellezas da terra. — Não estamos fascinados —. A razão

dicta as nossas palavras, e as nossas idéas são mais filhas da consciencia, do que de qualquer affecto que nos podesse allucinar.

Não tenha pois o nosso adversario a esperanza de que militemos debaixo das suas bandeiras; nem que teremos mais occasião de exaltar a sua, do que a nossa predilecta. E' impossivel, que assim aconteça, pois o nosso collega deve saber, que o CORSARIO, quando se arremessa aos mares sustenta a causa que defende, conhece o rumo que deve seguir, e muitas vezes os inimigos que tem de combater.

Assistimos ao beneficio da Sra. Orsat.

Vimos arrojar-lhe corôas de flôres, ramos, versos, e todas as demonstrações de sympathia, que os seus admiradores puderam prodigalizar-lhe. Deixámos passar tudo isso, e voltámos a nossa attenção inteiramente para o drama que se representava, e para o desempenho dos artistas, que executaram os papeis, que lhe tinham sido confiados.

O drama era a *Filha do Cego*. A Sra. Orsat tinha decorado bem a sua parte. Com tudo, a scena do delirio foi mal feita, sem arte, sem naturalidade, sem expressão, nem sentimento; e mais de uma vez nos fez lembrar aquellas palavras de Victor Hugo—« *du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas* » —. Na farça representou um papel insignificante. Mas tornou-se infelizmente notavel pela innumera quantidade de fitas amarellas, que lhe adornavam a cabeça, e o vestido tambem da mesma côr. Era de máu gosto, apesar de ser distinctivo de seus partidarios.

Sentimos que se expuzesse d'este modo aos motejos publicos, por que na realidade nenhuma indisposição temos com esta menina, com quem mesmo sympathizamos.

O Sr. Florentino foi soffrivelmente. Se perder a sua demasiada affectação, pode ser ainda uma bôa acquisição para a scena brasileira.

O Sr. Costa, como era de esperar do seu talento, foram merecidos os applausos que lhe tributaram, porque o publico costuma fazer-lhe justiça.

O Sr. Martinho *fez rir*. Em outra occasião seremos mais extensos a respeito deste Sr.

O Sr. José Rumualdo o *mesmo* sempre!

O Sr. Mendes foi tambem soffrivel.

Os outros papeis não merecem especial attenção.

As curtas dimensões d'este artigo não nos permite uma analyse mais completa. Compromettemo-nos todavia, a ser d'aqui por diante, como até hoje, sempre verdadeiramente imparciaes.

BIBLIOGRAPHIA

ULTIMOS CANTOS

Poesias do Sr. Dr. Gonçalves Dias.

Acaba de ser mimoseado o publico brasileiro com mais um volume de Poesias do Sr. Dr. Gonçalves Dias. Este genero de publicações, tão raro no Brasil, quando são como as deste Sr., devia ser saudado pela imprensa periodica como um acontecimento glorioso para o paiz. Mas infelizmente não foi assim. A imprensa tornou-se um mar estagnado, aonde apenas se lhe revolvem no fundo algumas paixões mesquinha das miserias politicas, ou das rixas individuaes, esquecendo-se deste modo a intelligencia, o talento e tudo quanto ha de mais nobre no espirito humano. Para esses, que venderam assim a alma, e não têm coração para sentir, entender e admirar os cantos do poeta, para esses não escrevemos nós estas linhas. Passem, que os não saudamos. Aquelles que, todavia sentirão as lagrimas humedecer-lhe o rosto, faltar-lhe a respiração no peito, cortar-se-lhe na garganta a vóz, percorrendo com os olhos aquelle mimoso livro, para esses escrevemos nós, e os saudamos tambem em nome das letras, por que sentimos como elles o enthusiasmo pelo talento, e a veneração por tudo quanto é grande e bello.

O livro do Sr. Gonçalves Dias marca uma epocha distincta, nova, e d'um progresso admiravel no desenvolvimento dos seus estudos, e da sua vasta intelligencia. As lutas amargas da existencia, as decepções crueis de todos os dias, o desmentido fatal de todas as mais santas convicções, e mais arreigados sentimentos, foram para o poeta, como um Jordão mysterioso donde a sua lyra sahiu purificada, doce, harmoniosa, como aquellas vozes solitarias, que se escutam pelo silencio da noite, e que o viajante não sabe se nascem no seio das ruinas, ou se se despertam nas gratas espanções do prazer, mas conhece que rom-

pem d'uma fonte ignota, desconhecida, e tem a sua origem no céu!

OS ULTIMOS CANTOS, são divididos pelo seu proprio auctor em tres partes inteiramente distinctas. Depois de lançar-mos uma rapida vista sobre o seu cemplo, trataremos separadamente de cada uma destas partes, deixando como Chateaubriand—*a critica dos pequenos defeitos pela analyse ou appressiação das grandes bellezas.*

As curtas dimensões deste jornal, não nos permitem, como desejara-mos, dar mais desenvolvimento a este artigo, todavia have-mos fazer notar aos nossos leitores aquelles pontos, que julgamos mais dignos de consideração.

Pondo de parte as inspirações do poeta, a belleza das suas imagens, a magestade dos seus pensamentos muitas vezes novos, e não poucas admiraveis; julgamos que o seu estylo é mais correcto, perfeito, e caracteriza por assim dizer a individualidade do escriptor, que nas precedentes obras, não tinha recebido ainda todo o desenvolvimento de perfeição, que lhe hoje notamos. Entendemos não dever esquecer este topico da analyse litteraria, n'uma epocha em que ha tanto escriptor sem estylo, e tanto estylo desgraçadamente sem achar escriptor.

(Continúa.)

Abertura do Theatro de S. Pedro de Alcantara.

Grande concurso de povo se apinhava hontem nas avenidas do Theatro, desde pela manhã cedo, afim de obter bilhetes para assistir á representação, que devia ter lugar de noute, em honra do Anniversario Natalicio de Sua Magestade a Imperatriz. Pela uma hora da tarde já se offerciam 60 e 100\$000 rs. por um camarote, e era difficel obtel-o. De facto elles estiveram brilhantes, a sala como era de suppôr numerosamente concorrida, e o espectáculo correu soffrivel. Representou-se o *Lazaro Pastor*. Este drama não é dos de maior nota. Com tudo, as suas scenas succedem-se sem esforço; os seus caracteres, apesar de não appresentar novidade, são bem sustentados, e a acção não é mal conduzida. Os actores, que mais se distinguiram, foram em primeiro lugar o Sr. João Caetano, (*Lazaro*) que comprehendeu e executou com o talento costumado a sua parte. Todavia achamos demasia-

damente exagerada aquella sua alegria, quando das grades da prisão descobre afinal a luz de esperança que coroava todos os trabalhos que soffrera durante tantos annos de infelicidade. Mas como bom actor, o Sr. João Caetano deve saber, que as grandes sensações, tanto movidas pelo prazer, como pela dôr, são rapidas, momentaneas, para deixar impressão nos espectadores, e não se tornarem monotonas com uma affectação prolongada. Quanto mais sublime nos pareceu a sua entrada no segundo acto, em que soube com tanta arte fazer-se anciosamente desejado, n'aquelle silencio em que por um curto espaço esteve a scena!!!

O Sr. Costa pouco deixou a desejar do que se esperava do seu talento. Será com tudo bom, que não declame tanto, e seja mais natural na sua expressão.

A Sra. Lodovina sabia o seu papel. Mas desagradaram-nos as suas maneiras, que não tem de certo aquelle toque de fina sociedade, que deve caracterisar uma grande dama. A sua declamação é muito cantada; e alguns dos seus accionados fizeram-nos lembrar com saudade aquelles bellos tempos do minuete da còrte, e d'aquellas boas pastoras do bucolico Florian.

O Sr. J. Augusto estudou pouco o seu papel. Não comprehendeu, como devera, as palavras da parte que desempenhava. Levantava a voz quando devia ser humilde, e fallava baixo quando devia trovejar nas iras do desespero ou da sua ambiciosa paixão.

Os mais senhores pouco merecem que se lhes faça uma especial mensão.

No drama ha algumas espressões felizes. Por exemplo na scena em que a Mae abraça o joven Porta-Estandarte, e lhe diz: *A razão dá forças, porém o coração tem só lagrimas!!* Estas palavras são dignas d'um coração de Mae, têm verdade, e só as poderia revelar os affectos do sentimento maternal.

Pouco mais pudéramos adiantar, tendo apenas assistido a uma primeira representação. Continuaremos analysando as occurrencias mais notaveis do nosso Theatro, que mereção a attenção publica.

TIMON.

Temos em nosso poder uma poesia dedicada á Sra. Leonor Orsat, que não publicamos, por falta de espaço.

CINCO SENTIDOS.

Embalado pelos mares
Teus encantos eu mirei ;
Cinco sentidos que eu tenho
Todos em ti empreguei !

Vi-te mais bella que um anjo
Correndo os campos do céu.
Teus cabellos ondulantes
Servindo ao mundo de veu !..

Ouvi-te !.. que voz sentida
Perdeu-me toda a razão,
Retalhou-me as fibras d'alma
Que faria ao coração?!...

Cheirei-te? não... é mentira
Eu não gosto de cheirar,
Tenho medo dos aromas
Que me podem perturbar.

Gozei-te? Quem dêra isso!
Vi-te, sorri, e pasmei.
Gozei-te só nos sentidos
E em sonhos que não direi.

De apalpar-te tive medo
Mas em fim sempre apalpei!
Foi de leve e assim mesmo
Sem sentidos eu fiquei !...

Embalado pelos mares
Teus encantos eu mirei
Cinco sentidos que eu tenho
Todos em ti empreguei !...

O Xi, Xi.


VARIEDADE.

PRUDENCIA DE UM JOVEN.

A resposta que o joven Papiro deu a sua mãe, que muito instava para que elle lhe communicasse um segredo do qual era senhor, é um subterfugio que até hoje mereceu os louvores de todos os homens.

O pai de Papiro, um dos senadores de Roma, levou seu filho consigo para o senado, onde estavam deliberando sobre uma questão

de alta transcendencia. Depois da sua volta, a mãe queria por força saber de que se havia tratado.

O joven Papiro respondeu, que era prohibido de fallar nisso. Esta resposta, em vez de satisfazer a curiosidade da matrona Romana, a exarcebou pelo contrario muito mais; e por isso empregou todos os meios para obter o que tanto anhelava. Seu filho, para forrar-se de novas indagações, e como para satisfazer aos desejos de sua mãe, disse-lhe que o objecto de que se tratava era: Se o bemestar da republica reclamava os homens terem duas mulheres, ou as mulheres dous maridos cada uma.

A matrona, muito escandalisada com essa suposta deliberação, immediatamente foi ter com as mais notaveis senhoras de Roma para dar-lhes parte do occorrido. Pela manhã seguinte uma multidão dellas se apinhou á porta do senado, e em altas vozes reclamavam, que muito melhor seria que cada mulher tivesse dous maridos; e igualmente se queixavam amargamente que se tomasse uma deliberação de tanto vulto sem que ellas fossem ouvidas.

O senado não comprehendeu as reclamações das matronas Romanas. O joven Papiro levantou-se, e explicou a causa, que consistia em querer illudir a curiosidade de sua mãe. Os senadores louvaram muito a prudencia do joven; e desde então a entrada ficou vedada aos adolescentes, excepto a Papiro.

CHARADA.

Quando eu assim pergunto á minha amada,—1
Ella assim me responde e assim faz sempre.—1
Eu torno a perguntar-lhe delirante—1
Silencio, assim me impõe no mesmo instante.—1

E apesar de ingrata é bella,
E eu morro sempre por ella.

TYP. GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES,

Rua de S. José n. 45.